

O LIVRO DE LEVÍTICO

COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO



LEVÍTICO

Robert I. Vasholz



Comentários do Antigo Testamento – Levítico, de Robert I. Vasholz © 2018, Editora Cultura Cristã. Título original em inglês *Leviticus* © 2007, Robert I. Vasholz. Publicação em português autorizada pela Christian Focus Publication Ltd. Geanies House – Fearn, Tain – Ross-Shire. IV20 TWE – Scotland UK. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2018 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Tradução
Jonathan Hack
Revisão
Paulo Corrêa Arantes
Mauro Filgueiras Filho
Denis Benjamin da Silveira
Editoração
Felipe Marques
Capa
Magno Paganelli

W474c Vasholz, Robert I.

Comentários do Antigo Testamento – Levítico / Robert I. Vasholz;
traduzido por Jonathan Hack. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2018

352 p.

ISBN 978-85-7622-690-1

Tradução Leviticus

1. Comentários 2. Estudo bíblico 3. Exegese I. Título

CDU 2-277

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

Lista de abreviaturas	9
Prefácio	11
Introdução	15
Prelúdio a Levítico 1-7	23
I. “Chamou o SENHOR a Moisés e, da tenda da congregação, lhe disse” (Lv 1.1-3.17).....	27
O holocausto (Lv 1; 6.9-12 [2-6]; 7.8)	33
Corbã	35
A oferta de manjares (Lv 2; 6.14-23 [7-16]; 7.9-10).....	41
A oferta pacífica (Lv 3; 6.12[5]; 7.11-37)	50
II. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 4.1-5.13).....	57
A oferta pelo pecado (Lv 4.1-5.13; 6.24-30 [17-23])	60
III. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 5.14-19)	69
A oferta pela culpa (Lv 5.14-6.7[5.26]; 7.1-7; 14.24-25; 26.40-42)	71
IV. “Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo (Lv 6.1-7 [5.20-26])	77
O pecado não intencional (Lv 4.2, 13, 22, 27; 5.15, 18)	79
V. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 6.8-18 [6.1-11]).....	81
VI. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 6.19-23 [6.12-16])...	85
O altar do holocausto (Lv 1.5; Êx 27.1-8; 38.1-7)	85
VII. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 6.24 [6.17]-7.21)	89
A Tenda-Santuário	93
VIII. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 7.22-27)	97
O sangue	98
IX. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 7.28-38)	103

O altar do incenso aromático (Lv 4.7; 16.12).....	105
X. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 8.1–10.20)	107
O Urim e o Tumim (Lv 8.8)	118
Perante o SENHOR	128
XI. “Falou o SENHOR a Moisés e a Arão, dizendo-lhes” (Lv 11.1-47)	131
Aves imundas (Lv 11.13-19; 20.25)	135
Leis sobre alimentos (Lv 11.20 e seguintes)	140
XII. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 12.1-8)	149
Mulheres (Lv 12; 15.19-30; 18.19)	151
XIII. “Disse o SENHOR a Moisés e a Arão (Lv 13.1-59).....	157
Sete	162
XIV. “Disse o SENHOR a Moisés” (Lv 14.1-32)	165
Leprosos restaurados	165
XV. “Disse mais o SENHOR a Moisés e a Arão” (Lv 14.33-57).....	169
Azeite e água	171
XVI. “Disse mais o SENHOR a Moisés e a Arão” (Lv 15.1-33).....	177
Resumo de Levítico 13–15	182
XVII. “Falou o SENHOR a Moisés” (Lv 16.1-34).....	187
O Dia da Expição (Lv 16; 23.26-32)	197
XVIII. “Disse o SENHOR a Moisés” (Lv 17.1-16)	201
Estatutos perpétuos (Lv 3.17; 6.18, 22 [11, 15]; 7.34, 36; 10.9, 15; 16.29, 31, 34; 17.7; 23.14, 21, 31, 41; 24.3, 9).....	205
XIX. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 18.1-30)	209
Incesto (Lv 18; 20.11-12, 14, 17, 19, 21)	218
XX. “Disse o SENHOR a Moisés” (Lv 19.1-37)	225
O estrangeiro	235
XXI. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 20.1-27)	241
Moloque.....	245
XXII. “Disse o SENHOR a Moisés” (Lv 21.1-15)	247

Os sacerdotes	252
XXIII. “Disse o SENHOR a Moisés” (Lv 21.16-24)	261
O sumo sacerdote	262
XXIV. “Disse o SENHOR a Moisés” (Lv 22.1-16)	267
<i>Nefesh</i>	269
XXV. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 22.17-25)	273
XXVI. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 22.26-33)	277
Santidade	278
XXVII. “Disse o SENHOR a Moisés” (Lv 23.1-8)	283
Os sábados	285
XXVIII. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 23.9-22)	289
As festas da primavera: Páscoa, Pães Asmos e Primícias (Lv 23.4-14)	289
A Festa das Semanas ou Pentecostes (Lv 23.15-22)	292
XXIX. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 23.23-25)	295
A Festa das Trombetas (Lv 23.23-25)	295
XXX. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 23.26-32)	297
Expição	297
XXXI. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 23.33-44)	303
A Festa dos Tabernáculos (Lv 23.33-44)	304
XXXII. “Disse o SENHOR a Moisés” (Lv 24.1-12)	307
Ser responsabilizado; sangue sobre a cabeça	310
XXXIII. “Disse o SENHOR a Moisés” (Lv 24.13-23)	315
A pena capital; ser morto/eliminado (Lv 20.2, 9-16, 27; 24.10-23; 27.29)	317
XXXIV. “Disse o SENHOR a Moisés” (Lv 25.1–26.46)	324
O Ano Sabático e o Ano do Jubileu (Lv 25.1-22)	339
XXXV. “Disse mais o SENHOR a Moisés” (Lv 27.1-34)	345
Pesos e medidas	350

PREFÁCIO

Infelizmente, o livro de Levítico tem sido relegado a uma posição secundária na igreja atual. Embora seja considerado o texto clássico daqueles que são chamados de judeus fervorosamente ortodoxos (247 das 613 leis da Mishná são baseadas em Levítico), os cristãos basicamente relegaram a uma era passada os detalhes sobre coisas como sacrifícios e leis de pureza. Há, é claro, alguns motivos para isso. Embora o comentário rabínico ensine que esse seja o primeiro livro das Escrituras que as crianças devem aprender, os leitores modernos em geral consideram Levítico como obscuro e maçante.¹ Ler Levítico era, nas palavras de um estudioso da igreja do 3º século, “como ter que comer alimento inadequado”.

Sinceramente, embora as práticas de Levítico estejam distantes e, talvez, sejam misteriosas ao mundo ocidental moderno, há elementos fundamentais neste livro que são tanto universais quanto relevantes ao cenário contemporâneo. Levítico enfatiza temas primordiais e de interesse vital para o cristão. Por exemplo, qual cristão argumentaria que “amarás o teu próximo como a ti mesmo”, o segundo maior mandamento, deve ser relegado ao passado? Porém esse versículo, que é tão frequentemente citado no Novo Testamento, aparece primeiramente no livro de Levítico. E não termina aí. A epístola aos Hebreus expõe Levítico de tal forma que é quase impossível compreender partes de

¹ *Leviticus Rabbah* 7.3 afirma: “Visto que as crianças são puras, e os sacrifícios são puros, que os puros venham e se ocupem com aquilo que é puro”. A ideia é que é preciso ser puro de coração para se entender a Palavra pura. Cf. Sl 25.14: “A intimidade do SENHOR é para os que o temem...”. Tradicionalmente, no judaísmo, uma criança de cinco anos começa seu estudo das Escrituras com Levítico.

Hebreus sem alusão a Levítico. Isso também pode ser dito sobre algumas passagens nos Evangelhos.

De forma não secundária a essas questões, há interesses básicos a todos os cristãos. O livro de Levítico informa seus leitores sobre como a nação de Deus deve agir quando ele está em seu meio; isto é, como deve ser regulada a vida na comunidade ao redor da Tenda da Congregação. Ele apresenta uma percepção quanto às importantes menções da santidade e de como um povo pecaminoso pode ter comunhão com um Deus santo. Esta é uma questão que nunca é de pouca consequência.

Como se vive na presença de um Deus santo? Viver na presença de Deus reflete sua santidade, a qual pode, deve e irá transformar o mundo ao nosso redor.

Em Levítico, é oferecido ao leitor um quadro contínuo dos escravos hebreus libertos do Egito se transformando em um reino de sacerdotes, uma salvação que começara com promessas a seus antepassados em Canaã. Certamente, essa libertação requer, e recebe nas Escrituras, esclarecimento adicional por meio de aplicações universais para um mundo e para tempos em constante transformação. Deve-se trabalhar cuidadosamente em meio à época e cultura daquele ambiente antigo, mas as recompensas por fazê-lo são muito compensadoras, visto que os princípios de vitalidade espiritual apresentados em Levítico são verdade eterna do Senhor ao seu povo, em todas as épocas da história bíblica ou da igreja.

Meu desafio é revelar e esclarecer a relevância contínua do magnífico livro de Levítico. Nesse sentido, os leitores contemporâneos são afortunados, porque o mundo do Antigo Testamento nos é melhor conhecido agora do que o foi às gerações passadas. Como autor, também desfruto da vantagem de ter à minha disposição diversas obras excelentes de estudiosos judeus e cristãos, os quais exploraram o significado desse livro. Esse conhecimento tanto anima quanto aumenta a tarefa de esclarecer o valor permanente de Levítico. Meu objetivo é que esta obra produza um estímulo ao ensino e à pregação a partir de suas páginas para as gerações presentes e futuras.

Acima de tudo, porém, é crucial que o leitor compreenda que Levítico encontra sua relevância primária naquilo que ele simboliza. Hebreus 9.8-9 assevera que, em muitos dos detalhes de Levítico, o Espírito

Santo de Deus anunciou verdades eternas, manifestas mais tarde na pessoa do Filho de Deus, Cristo, que está acima de todos e é bendito de Deus para sempre. As coisas que dizem respeito à adoração do Antigo Testamento são um espelho e cópia de uma realidade muito superior!

Essa obra começou com a mesma mentalidade que muitos autores têm quando se dispõem a escrever um comentário sobre as Escrituras. O plano geral é explicar o sentido de cada palavra e versículo como aparecem em cada capítulo. Essa abordagem padrão é recomendável e, obviamente, tem algumas vantagens significativas. Como resultado, diversos comentários sobre Levítico de boa qualidade seguem este método.

Entretanto, foi exatamente este ponto que me fez pensar. Pesei cuidadosamente o valor de adicionar mais um comentário que empregue a mesma abordagem à lista. Por isso, o que decidi fazer foi apresentar Levítico de uma maneira diferente, como a história da Palavra de Deus se revelando a Moisés, pois, fundamentalmente, Levítico é uma narrativa acerca de Deus falando a Moisés repetidas vezes. Vezes sem conta “a Palavra do Senhor veio a Moisés” e lhe revelou sua vontade para com seu povo. Embora haja pouca narrativa no livro em si, mesmo assim, é um tipo de história com várias conversas entre Deus e Moisés como sua peça central.

Além disso, o leitor rapidamente observará um breve ensaio após o comentário sobre cada capítulo, o qual oferece um sumário de diversos tópicos tratados em Levítico. Naturalmente, haverá alguma sobreposição entre eles.

Robert I. Vasholz
Covenant Theological Seminary, St. Louis, Missouri

INTRODUÇÃO

Levítico recebe seu título a partir do grego *Levitikon*, que significa “concernente aos levitas”. Provavelmente, os escribas judeus (que chamavam Levítico de *Manual do Sacerdote*) influenciaram o título no período tanaítico (200 a.C.–200 d.C.). Embora o título seja apropriado para certas seções, a saber, Levítico 8–10; 16; e 21.1–22.14, ele é insuficiente para salientar que a maior parte do livro se dirige a todo o povo de Israel. O sacerdócio de Israel não visava ser uma sociedade secreta com práticas misteriosas conhecidas somente por ela. O livro demonstra isso.

Do começo ao fim, o livro decisivamente atribui sua origem à revelação divina dada a Moisés. Isso é explícito. “O Senhor disse a Moisés” ocorre 35 vezes no livro, e a expressão é usada como um elemento de organização neste comentário. A obra foi escrita por uma das maiores figuras, se não a maior, do Israel antigo.

Como esperado, então, Levítico é uma expressão da Escritura em termos da época e da cultura mosaica.¹ Não deve surpreender, então, o fato de que Levítico reflita a cultura de sua época. Ele expressa coisas prontamente compreendidas por quem viveu naquele ambiente. Se este não foi o caso, a realidade da experiência de Israel poderia ser questionada! Na verdade, contudo, falar usando termos daquele período é uma demonstração da notável acomodação de Deus à condição humana (cf. Dt 30.11-14).

Nos últimos 200 anos, a autoria mosaica de Levítico tem sido questionada por escritores que afirmam que o livro foi escrito consideravelmente muito depois de Moisés. Alega-se que Levítico foi composto

¹ A vida e o ministério de Moisés ocorreram por volta de 1500 anos a.C.

por sacerdotes que viveram na época de Esdras, isto é, durante o período pós-exílico (cerca de 450 a.C.).²

Embora não se apresente aqui uma resposta completa a favor da autoria mosaica, há hoje evidências suficientes para afirmar que a autoria mosaica de Levítico é, de fato, altamente provável.³ Especificamente, os materiais escritos dos vizinhos próximos de Israel, durante a época de Moisés e antes dela, demonstram com clareza que tudo que era necessário cultural e materialmente para se escrever Levítico já estava disponível na época do êxodo. Por exemplo, a tradição de que colocar a instrução religiosa sob a supervisão dos sacerdotes, uma característica da religião de Israel, remonta aos antigos sumérios, que viveram em cerca de 3000 a.C. (cf. Lv 10.11). Com esse tipo de evidência agora disponível, diversos daqueles que antes consideravam as práticas levíticas basicamente como produto de sacerdotes pós-exílicos agora acolhem a viabilidade de se reconhecer fontes bem mais antigas.

De fato, já estavam presentes todos os ingredientes necessários para dar origem a Levítico na época de Moisés.⁴ A escrita e os materiais para escrita já estavam em evidência pelo menos 1000 anos antes de Moisés, bem como os escritos que tratam de uma variedade de assuntos, incluindo história política e tradições religiosas. De modo mais específico, diversas centenas de textos da antiga cidade de Ugarite, e datados na era mosaica, estão inscritos em uma linguagem semítica alfabética que tem uma similaridade linguística notável com o hebraico bíblico. De forma correlata, termos para sacrifícios, os mesmos mencionados em Levítico, estão inscritos em tabletes de barro usadas pelos vizinhos mais próximos de Israel antes de 1400 a.C.

² Escritores pós-exílicos atribuem os rituais prescritos em Levítico a Moisés e não a seus contemporâneos. É muito estranho que os escritores pós-exílicos, da época em que se alega que Levítico foi escrito, não estivessem cientes de que Levítico estava sendo escrito ou estivessem conscientemente perpetuando uma fraude. Esses escritores, então, teriam sido ingênuos ou sem escrúpulos (cf. 6.49; 15.15; 2Cr 23.18; Ed 3.2; Ne 8.14).

³ Para uma defesa admirável da autoria mosaica do Pentateuco, com uma bibliografia proveitosa, veja ARCHER, Gleason, Jr. *A Survey of Old Testament Introduction*. Chicago: Moody Press, 1994.

⁴ Este autor defende a data tradicional mais antiga para o êxodo israelita do Egito (1446 a.C.). Para uma argumentação que apoie essa conclusão a partir de uma perspectiva arqueológica, veja BIMSON, John. *Redating the Exodus and Conquest*. Sheffield: Sheffield University Press, 1978.

Também é evidente, a partir dos dados arqueológicos, que Israel como povo e nação estava em Canaã por volta do século 13 a.C. Uma estela do rei egípcio Merneptá (1229 a.C.) indica que, nesta época, os israelitas já tinham posse de sua terra e que já havia ocorrido a formação de sua nação.⁵ Além disso, o campo da religião comparada assevera que seria altamente irregular supor que a nação não tinha um sacerdócio.

O texto bíblico em si não apresenta uma data exata para a escrita e compilação de Levítico. As Escrituras, todavia, fornecem alguns parâmetros úteis. O livro foi escrito no deserto do Sinai, durante a jornada de Israel pelo deserto. É dito que os decretos, as leis e os regulamentos foram revelados no monte Sinai (Lv 7.38; 25.1; 26.46; 27.34), onde foi construída a Tenda-Santuário (Lv 1.1). A partir de Êxodo 19.1 e Números 1.1, parece que Israel permaneceu nas cercanias do monte Sinai por pelo menos nove meses. Isso forneceu tempo mais que suficiente para se escrever Levítico.

A Tenda-Santuário era uma extensão da glória do Sinai. A nuvem e o fogo do Sinai nunca se afastaram de Israel no deserto; e isso o lembrava de que o Deus que falou com Moisés no monte também falava com ele neste “Sinai portátil”. A nuvem aparecia na Tenda-Santuário tanto para revelar a presença de Deus quanto para escondê-la, como o fez no Sinai. Como ponto de referência teológica, Levítico não parece fazer distinção entre o monte Sinai e a Tenda-Santuário. O primeiro validava o último.

O deserto do Sinai designa um dentre muitos desertos em que Israel parou durante sua jornada. Israel ficou ali desde o terceiro mês do primeiro ano até ao vigésimo dia do segundo mês do segundo ano após terem saído do Egito. Levítico foi composto durante este período.

Este não foi apenas tempo suficiente, mas também um período adequado para ocorrerem os poucos eventos registrados em Levítico. O momento da composição de Levítico coincidiu perfeitamente com a construção da Tenda-Santuário, de maneira que a adoração sancionada pudesse ser iniciada o mais breve possível. “No primeiro dia do primeiro mês, levantareis o tabernáculo da tenda da congregação” (Êx 40.2).

⁵ Estela é uma pedra, placa ou pilar antigo que contém entalhes ou inscrições, e é colocada em pé.

O mundo antigo no qual Levítico foi introduzido era um mundo *hiper-religioso*. Era um mundo dominado pelos tipos de ícones, ideias, símbolos, superstições, práticas, mitos, cerimônias, tradições, fantasias religiosas, etc., abundantemente evidentes nas religiões pagãs. Os homens criam que se comunicavam com os deuses, e então, meticolosamente, registraram e guardaram as mensagens de seus deuses.

Por exemplo, Tot, um deus egípcio da antiguidade, era bem conhecido como o escriba das mensagens divinas. Porém, isso não significa que os escritos de Moisés *não* são decisivamente diferentes dos das antigas comunidades pagãs ao redor. Os extraordinários eventos do Êxodo e do Sinai indicam o contrário. Os escritos mosaicos estavam apoiados pela aprovação divina. O único Deus verdadeiro estava com Israel e isso fazia toda a diferença. “Pois como se há de saber que achamos graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Não é, porventura, em andares conosco...?” (Êx 33.16).⁶

A religião de Levítico entrou em um mundo de pessoas reais. Entrou no mundo do antigo Oriente Próximo, e foi nos termos deste mundo que o Senhor Deus graciosamente condescendeu em fazer sua vontade conhecida. Este mundo, por assim dizer, foi forçado a servir. É uma condescendência divina que só seria superada em toda a Escritura pela encarnação.

Levítico foi escrito para mostrar como a comunidade do Senhor Deus devia servir enquanto vivia em íntima proximidade do Senhor no deserto. Embora a posse da terra de Canaã tenha sido antecipada (Lv 14.34; 18.3; 25.2), Levítico trata primariamente da situação de Israel no deserto. Dezoito referências ao *arraial* em Levítico enfatizam este ponto. O arraial se refere à organização do acampamento de Israel, sancionada divinamente, antes do estabelecimento na terra de Canaã.

No meio do arraial estava a Tenda-Santuário, com uma nuvem pairando sobre ela dia e noite durante as viagens de Israel. Essa nuvem renovava a confiança de Israel de que o Senhor estava perto. Tanto o povo quanto os sacerdotes que viviam no arraial deviam manter um

⁶ Para uma análise mais completa dessa questão, veja VASHOLZ, Robert. *The Old Testament Canon in the Old Testament Church: The Internal Rationale for Old Testament Canonicity*. Lewiston: Edwin Mellen Press, 1990, p. 14-16.

ambiente sagrado adequado à verdadeira majestade. Os preceitos em Levítico são estatutos reais que indicam como isso devia ser feito.

A terra de Canaã, sem dúvida, devia ser compreendida como uma extensão do arraial no deserto. Toda a terra de Canaã devia ser purificada dos cananeus e de suas práticas vis. A conquista e a posse da terra deviam torná-la em um lugar adequado para a habitação de um Soberano santo e seu sacerdócio real escolhido. Embora a situação de Israel tenha mudado dramaticamente com a ocupação da terra, mesmo assim Levítico fornece um modelo e instruções para o culto aceitável no futuro. Assim, Levítico antecipa uma transição da habitação com Deus no deserto para a habitação com Deus em Canaã (Lv 18.34).

As leis concernentes às ofertas em Levítico 1–7 seguem rigidamente os detalhes em Êxodo a respeito da construção do santuário nacional de Israel. Esses detalhes foram revelados a Moisés no monte Sinai para descrever o verdadeiro santuário “não feito por mãos”. Embora os rituais dos vizinhos pagãos de Israel naturalmente correspondam a algumas das suas práticas, eles todos eram sombras da revelação original que remonta ao Jardim do Éden (Gn 3.21; 4.4).

Em outras palavras, o paganismo produziu padrões distorcidos, de maneira que Israel, via Moisés, recebeu uma nova visão. Moisés, encoberto em uma nuvem, subiu o monte Sinai e permaneceu ali 40 dias e noites. Ali, ele viu o verdadeiro santuário celestial. Por ordem de Deus, Moisés teve sua visão copiada em uma forma terrena e material, a Tenda-Santuário e seus acessórios. Assim, Israel tinha um retrato das realidades celestiais. É aqui que o livro de Levítico começa. Começa com uma visão celestial do palácio-templo de Deus e do modo como alguém deve se aproximar de sua presença.

Além disso, a construção do santuário prescrito proporcionou uma casa para a visitação divina, para que Deus pudesse estar no meio do seu povo. Esse é o foco em Levítico. Era apropriado, portanto, que o povo de Deus soubesse como se aproximar de seu Rei. Afinal, no mundo do Antigo Testamento, entende-se que, quando alguém entra na presença da realeza, dificilmente vem de mãos vazias. A especificidade incluída na descrição das ofertas levíticas demonstra o respeito e a lealdade exigidos para se prestar homenagem ao Rei.

Visto que o relacionamento de Israel como uma nação com o Senhor estava estruturado em termos de uma aliança, o modo desse relacionamento era expresso na realização de cerimônias que indicavam relacionamento pactual. “Congregai os meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios” (Sl 50.5). O termo “aliança” ocorre dez vezes no livro de Levítico, e está sempre no pano de fundo das deliberações do livro. Não é exagero afirmar que aliança ou tratado era um modo comum e aceitável de expressar relacionamentos bem antes de Moisés.

Sacrifícios e ofertas eram usados comumente no mundo do Antigo Testamento como meio de expressar compromissos pactuais. A prática de fazer sacrifícios como um meio de demonstrar relacionamentos pactuais não era nem primitiva nem pouco sofisticada. Os sacrifícios tiveram origem divina (Gn 3.21; 4.3-4). Eram simbólicos e carregados com nuances de significado. Isso foi compreendido de forma indiscutível pelos autores do Antigo Testamento (Sl 50.7-23; Mq 6.6-8), assim como por muitos no período intertestamentário.⁷ Nesse sentido, os detalhes referentes aos sacrifícios e ofertas em Levítico são relevantes. Eles expressam os meios, até certo ponto, e a natureza do relacionamento entre Israel e o seu Senhor Soberano. Os rituais pactuais indicam elementos fundamentais do que se deseja que uma aliança signifique, valores como reconciliação, pacificação, companheirismo, cessação de hostilidades, perdão, amizade, comunhão, expiação, purificação, etc. De forma similar, não há diferença entre o propósito das alianças do Antigo Testamento e o da Nova Aliança em Jeremias 31.31-34 e Hebreus 9.15-22.

O Antigo Testamento, no entanto, não articula o sentido exato de muitos detalhes que acompanham os sacrifícios levíticos. (Sem dúvida eles eram familiares ao mundo antigo, mas presentemente escapam à compreensão).⁸ É melhor guardar-se contra o dogmatismo nos

⁷ Cf. Eclesiástico 35.1-2: “Aquele que guarda a lei faz muitas ofertas; aquele que obedece aos mandamentos sacrifica uma oferta pacífica. Aquele que retorna um favor oferece farinha superior, e aquele que dá uma esmola sacrifica uma oferta de ação de graças”.

⁸ Os textos bíblicos indicam que Israel e seus vizinhos usavam a mesma terminologia para seus sacrifícios (por exemplo, Nm 23.15; 1Rs 18.38; 2Rs 3.27; 10.24).

detalhes quando há pouca ou nenhuma explicação. Por outro lado, é dito que o santuário era uma imagem do santuário celestial, isto é, o ministério do Cristo pré-encarnado. Não é de forma alguma inapropriado discernir uma interpretação cristológica quando for aplicável; de fato, ela é necessária.

Por meio de uma aliança se estabeleceu um relacionamento entre Deus e a *nação* de Israel. Recordação e renovação da aliança eram meios de manter este relacionamento, o privilégio de uma nação redimida. Era a isto que o culto levítico se propunha fazer, embora Israel fosse uma nação de violadores da aliança. Israel consistia em um povo rebelde e obstinado. Moisés sabia que, quando ele saísse de cena, seu povo voltaria às práticas do bezerro de ouro: “Porque sei que, depois da minha morte, por certo, procedereis corruptamente e vos desviareis do caminho que vos tenho ordenado; estão, este mal vos alcançará nos últimos dias, porque fareis mal perante o SENHOR, provocando-o à ira com as obras das vossas mãos” (Dt 31.29). Mesmo assim, Moisés prescreveu um serviço organizado de ofertas para um povo pecaminoso, precisamente em antecipação às inevitáveis quebras do relacionamento pactual, de maneira que Israel pudesse manter sua posição privilegiada entre as nações.

DISCURSO I

“CHAMOU O SENHOR A MOISÉS E, DA TENDA DA CONGREGAÇÃO, LHE DISSE” (LV 1.1–3.17)

LEVÍTICO 1.1-17

No primeiro dia de Abibe, quase um ano após o êxodo israelita do Egito, e cerca de nove meses desde que Israel chegou ao Sinai, a Tenda-Santuário está finalmente erigida. A Tenda da Congregação (*'ōhel mō'ēd*) é o nome que Moisés mais gosta para o santuário sagrado de Israel, embora, ocasionalmente, ele use dois outros nomes: santuário (*miqdās*) e tabernáculo (*miškān*).¹ Tendas usadas como santuários não eram incomuns no mundo dos dias de Moisés. Elas ofereciam mobilidade, algo bastante necessário enquanto Israel atravessava o deserto.² A tenda é, de fato, uma Tenda-Santuário, uma expressão usada nesta obra para se referir à Tenda da Congregação. No deserto, onde Moisés escreve Levítico, ele situa a tenda no meio do arraial (Nm 2.17). Isso não está apenas no coração da comunidade,

¹ A expressão “tenda da congregação” ocorre 43 vezes em 41 versículos de Levítico (NIV); o termo *miqdās* indica separação e o termo *miškān* indica lugar de habitação.

² A credibilidade da experiência de Israel está em partilhar costumes com seus vizinhos. A revelação autêntica não exige que algo seja inédito nem que seja sem precedentes. O relacionamento de Deus com a humanidade não começou com Abraão.

mas também está em contato íntimo com todas as tribos que circundam o arraial.

Ao erigir a Tenda, Moisés sinaliza um movimento de adoração mediante sacrifício a partir de todo lugar e de qualquer lugar para uma única localização. A atenção deve estar claramente no Deus do Sinai e somente nele. Diferentemente da época dos antepassados de Israel, que construíram altares e sacrificaram por toda Canaã, a Tenda-Santuário proporciona o único lugar onde o Senhor se distingue dos deuses das nações pagãs. A tenda também proporciona uma sede visível de governo para a nova nação. Ali o Rei deles, o Senhor Deus, proclamará as ordens reais de uma maneira compreensível para a orientação de Israel (cf. Dt 30.11-14). É o habitat escolhido por Deus na terra. Ele serve como um vínculo com o êxodo e com a manutenção daquele relacionamento singular que Deus iniciara mediante a aliança com a nação de Israel. O Deus que os trouxe do Egito para o Sinai era o Deus que está entronizado na Tenda-Santuário. O Rei se encontra com seu povo ali em um relacionamento recíproco contínuo. Como um palácio santo e real, ele representa a separação da vulgaridade do paganismo.³ É o lugar que ensina, por meio de símbolos, que a santidade e o respeito são cruciais quando alguém se aproxima dele.

A história de Levítico começa como estabelecimento da Tenda. A partir da Tenda, Deus chama Moisés (Lv 1.1). O chamado continua um diálogo permanente, estabelecido quando Deus chamou Moisés em Êxodo. Três vezes aparece “e ele chamou” em Êxodo. Cada chamado foi a partir do monte Sinai ou nele, e marcou um avanço na revelação e na orientação do povo de Deus. Em Êxodo 3.4, Deus *chamou* a Moisés no Sinai a partir de uma sarça ardente, para revelar que iria libertar Israel do Egito. Em Êxodo 19.3, Deus *chamou* a Moisés a partir do Sinai para revelar os princípios básicos de comportamento moral, os Dez Mandamentos. Em Êxodo 24.16, Deus *chamou* a Moisés no Sinai para entrar em uma nuvem de fogo, a fim de revelar instruções referentes à construção da Tenda-Santuário.

Agora, no início do livro de Levítico, Deus chama a Moisés novamente. Levítico apresenta uma continuação da história de Êxodo.

³O termo hebraico para templo é o mesmo para palácio (*hêkal*).

O chamado procede do santuário recém-construído, o Sinai móvel, para revelar as leis de Levítico. Tão significativo é o chamado que “e ele chamou” é a primeira palavra do texto, e permanece como título hebraico do livro. É o único lugar em Levítico em que se declara especificamente que o Senhor *chamou* a Moisés, e serve como uma introdução às 34 vezes em que o Senhor fala com Moisés novamente no livro de Levítico.

O Senhor convida Moisés para entrar na Tenda-Santuário e agora fala com ele ali. O papel singular de Moisés consiste em que ele fala com Deus face a face. Números 7.89 informa a respeito do modo como seria o contínuo diálogo entre Moisés e Deus: “Quando entrava Moisés na tenda da congregação para falar com o SENHOR, então, ouvia a voz que lhe falava de cima do propiciatório, que está sobre a arca do Testemunho entre os dois querubins; assim lhe falava”. Esta não é a única maneira pela qual Deus fala com os profetas do Antigo Testamento. Ele lhes falará “muitas vezes e de muitas maneiras” (Hb 1.1).

A primeira tarefa se refere às exigências quanto às ofertas que devem ser queimadas sobre o altar. Em geral esse altar é simplesmente chamado de “altar do holocausto”, e está situado no átrio em frente à Tenda-Santuário. Visto que o Israel antigo era predominantemente uma sociedade agrícola, as ofertas eram realizadas de acordo com isso. A riqueza é, geralmente, medida em termos do valor dos produtos agrícolas, não tanto em termos de dinheiro (Sl 50.9-10). Os sacrifícios animais devem proceder da própria criação de cada um, não de animais selvagens. Em essência, são presentes ao Rei e não devem ser algo que custe relativamente pouco ao adorador. Posteriormente, quando Araúna desejou *dar* a Davi um lugar para que ele construísse um altar, Davi recusou: “Não oferecerei ao SENHOR, meu Deus, holocaustos que não me custem nada”, ele afirmou (2Sm 24.24).

O chamado do Senhor a Moisés começa com instruções para que ele ensine a Israel o modo apropriado de apresentar o assim chamado *holocausto*. Logo se seguirão instruções para as outras ofertas. A palavra traduzida como “holocausto” ou “oferta queimada” vem do verbo que significa *ascender* (√ *lh*). Poderia ser apelidado de *oferta de ascensão*, embora não seja a única oferta cuja fumaça

sobe. Contudo, é o único sacrifício onde *todo* o sacrifício *sobe* como fumaça. Tudo no holocausto, exceto a pele do animal, é ofertado sobre o altar. É apropriado que os detalhes do holocausto sejam os primeiros a serem apresentados ao povo por Moisés. Há mais referências ao holocausto no Antigo Testamento do que a qualquer outro sacrifício. Subsequentemente, todos os eventos públicos em Israel serão celebrados com holocaustos.

Os holocaustos e as demais ofertas não são uma invenção de Moisés ou de Israel. Eles já sacrificavam antes da construção da Tenda-Santuário (Êx 24.5). Há uma menção em Gênesis 8.20, quando Noé ofereceu holocaustos (cf. Êx 10.25). Visto que alguns dos diversos termos para sacrifícios eram usados pelos vizinhos de Israel, o que era de se esperar, é necessário explicar em detalhes um procedimento cerimonial preciso, para assegurar que não se repetissem os abusos que aparentemente eram praticados nos rituais pagãos.

Assim, Moisés agora entra na Tenda como resposta ao convite divino.⁴ Ele se prepara para explicar os detalhes e o procedimento para o holocausto. Ele torna público quais animais são aceitáveis para o holocausto. Estes incluem gado grande e pequeno, incluindo novilhos (o mais caro), carneiros e cabritos (gado comum). Alguns tipos de pássaros também são aceitáveis.

Para o holocausto, o animal deve ser macho. No mundo de Moisés era exigido o macho devido ao seu valor simbólico. Aceitar somente machos não estava baseado no fato de que são mais ou menos valiosos que as fêmeas. O crescimento do rebanho depende predominantemente do número de fêmeas que, além disso, fornecem laticínios vitais (Dt 32.14; 2Sm 17.29).

Por outro lado, se eram trazidos por serem descartáveis, isso deprecia o valor do sacrifício.⁵ Pelo contrário, está bem comprovado que os touros eram usados como símbolos de força, poder e vigor no antigo Oriente Próximo (cf. Pv 30.30-31). Quando o falso profeta Zedequias,

⁴Quando a nuvem de glória está presente sobre o propiciatório, Moisés só pode entrar mediante convite divino (cf. Êx 40.35; Lv 16.2). Em 1Reis 8.11, os sacerdotes não puderam entrar no templo de Salomão, porque a nuvem de glória tinha enchido o templo.

⁵Difícilmente parece plausível que aquilo que é descartável obtenha muito respeito.

filho de Quenaana, tentou persuadir Acabe a tomar Ramote-Gileade, ele fez uns chifres de ferro e disse: “Com estes cornearáis os sírios até de todo os consumir” (1Rs 22.11; cf. Mq 4.13). Presumivelmente, desempenhou com eles o papel de um touro em ataque.⁶

Moisés adiciona que rolas e pombos também são aceitáveis para o holocausto, de maneira que os pobres têm a oportunidade de participar. Como o apóstolo Paulo, Moisés não negligencia os pobres. Os holocaustos devem ser trazidos voluntariamente. Quando o rei Ezequias ordenou que se trouxessem sacrifícios à casa do Senhor, diz-se que: “e todos os que estavam de coração disposto trouxeram holocaustos” (2Cr 29.31).

Primeiro, Moisés trata do papel do adorador. Ele deve trazer sua oferta até a entrada ou átrio da Tenda, isto é, “perante o SENHOR”. Isso não implica que os perspicazes israelitas criam que seu Deus estava presente apenas naquele lugar, nem que sua esfera de influência se limitasse àquele lugar (1Rs 8.27). Como o poderiam, à luz de seu recente êxodo do Egito? Antes, a Tenda vincula Israel à teofania do Sinai e a toda a história que levou a ela. Em particular, vincula Israel com a aliança que foi feita ali.

Em seguida, Moisés diz ao adorador que ele deve “pôr sua mão” sobre a cabeça do sacrifício. O verbo *pôr* (\sqrt{smk}) significa “inclinar-se”. A mesma palavra ocorre em Amós 5.19, onde alguém encosta sua mão na parede; em Isaías 36.6, onde alguém apoia sua mão em uma cana esmagada; e em Juízes 16.29, onde Sansão agarrou dois pilares e se inclinou (“retesou”, NASB, “apoiar-se” NVI) contra eles (cf. Sl 88.7[8]). Inclinar-se implica dependência. Moisés afirma que o adorador deve confiar em seu presente para aceitação em seu lugar. Apresentar e inclinar-se sobre o sacrifício ou dádiva, como em geral se faz referência a ele, inextricavelmente vincula o sacrifício ao adorador.

O adorador imola, então, o sacrifício. Essa ação o identifica ainda mais com sua dádiva. Matar o animal é uma forma de julgamento. O animal é condenado no lugar daquele que faz a oferta. A tradição defende que a oferta era morta ao se cortar sua garganta. O sangue do sacrifício desempenha um papel vital na cerimônia. De fato, Moisés

⁶O *chifre* era símbolo de força militar (cf. Dt 33.17; 2Sm 22.3). Veja também ANET, p. 300, onde a deusa Ninlil golpeia seus inimigos com “seus poderosos chifres”.

tem muito mais a dizer sobre o manuseio do sangue sacrificial do que qualquer um de seus contemporâneos pagãos. Moisés desenvolve isso como o elemento essencial do sistema sacrificial. Assim, um método preciso de matar se tornou o procedimento exigido pelos judeus ortodoxos rigorosos para a preparação de carne apropriada para o consumo.⁷

A matança dos animais deve ser realizada no “lado norte” do altar, para evitar contato com o refugo despejado no “lado oriental”, no lugar da cinza. O adorador corta a oferta em pedaços para facilitar o manuseio. As entranhas e as pernas (lombos?) são lavadas a fim de serem preparadas para o altar. Todo excremento deve ser removido. Isso está em consonância com a representação de Israel como um povo santo. Simbolicamente, pelo menos, o asseio está próximo da santidade.

O manuseio de aves também deve ser de acordo com os demais holocaustos. O sacerdote remove o papo e as penas do pássaro. A palavra para *penas* (“conteúdo” NVI) se refere aos intestinos da ave. A remoção dos intestinos está em consonância com o lavar as entranhas dos novilhos e dos cordeiros.

É difícil não compreender. Qualquer coisa que dê a impressão de impureza não tem lugar na Tenda-Santuário, um tema capital em Levítico. Todo excremento, um símbolo de impureza, deve ser removido (Dt 23.14-15). O adorador esfolia o animal e dá o couro não comestível para o sacerdote (cf. Lv 7.8). Não é necessário dividir as aves, pois são pequenas. O couro é dado aos que ministram no altar como um tipo de prebenda, ou honorário, por seu serviço. O couro bovino, em particular, é valioso.

Os sacerdotes também têm deveres importantes a desempenhar. Devem colher o sangue em uma grande bacia e aspergi-lo ao redor do altar. Devem arranjar lenha para queimar e para manter o fogo aceso. Os sacerdotes não devem permitir que o fogo sobre o altar dos holocaustos se apague. Portanto, eles devem queimar lenha sobre o altar a

⁷As cabeças das aves não devem ser partidas. Levítico 5.8-9 indica que a cabeça das aves deve ser destroncada, isto é, sua nuca deve ser quebrada. Isso se refere ao respeito pelo sangue. Uma galinha com sua cabeça cortada borrija sangue em todas as direções!

cada manhã (Êx 29.38-39).⁸ O fogo que nunca se apaga indica a contínua intercessão. A intercessão pela nação não deve cessar.

Um pensamento bem similar é apresentado na intercessão perpétua que o autor do livro de Hebreus atribui a Cristo: “Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7.25). Cristo protege sua nação mediante sua intercessão perpétua. É necessária uma boa quantidade de lenha para se manter o fogo aceso, a fim de queimar completamente o sacrifício. Posteriormente, no período pós-exílico, são escolhidos grupos com o propósito específico de juntar lenha para o fogo, para mantê-lo aceso. O fogo transforma a oferta em fumaça, de maneira que possa subir como um “aroma agradável ao SENHOR”. O sacrifício de aves também é “um aroma agradável ao SENHOR”. O Senhor se agrada tanto das ofertas dos pobres quanto das dos ricos. Ele não faz acepção de pessoas.

O sacerdote, então, troca de roupa e coloca uma vestimenta de linho para remover as cinzas e levá-las para fora do arraial, para um lugar limpo. Ele não deve usar sua vestimenta consagrada fora da Tenda-Santuário. Itens consagrados devem permanecer na Tenda-Santuário. Esse lugar imaculado não deve ser contaminado com nenhuma impureza.

O holocausto (Lv 1; 6.9-12 [2-6]; 7.8)⁹

O holocausto ou oferta queimada (*’ōlâ*) é a oferta mais comum no Antigo Testamento. Há mais referências a ela do que a qualquer outro tipo de sacrifício. Todos os eventos públicos em Israel eram celebrados com holocaustos. Nas Escrituras, o holocausto aparece pela primeira vez em Gênesis 8.20, bem antes do Sinai. Quando Moisés deu instruções concernentes aos detalhes do holocausto, muito já se sabia, de maneira que a falta de uma descrição completa deixa lacunas em nossa compreensão. Pode-se dizer isto, é claro, a respeito de todos os diferentes tipos de sacrifícios.

Uma característica singular do holocausto é que o sacrifício era totalmente consumido (exceto pelo couro) sobre o altar, e não apenas

⁸ A lei que proíbe fazer fogo no sábado não se aplica ao fogo sobre o altar (Êx 35.3). A proibição se refere a fazer fogo para cozinhar enquanto Israel estava recebendo o maná. É vital compreender que todas as leis devem ser contextualizadas.

⁹ Estas não são todas as referências a holocaustos em Levítico.